

Plano Brady é considerado de difícil execução

MOISÉS RABINOVICI
Correspondente

WASHINGTON — Banqueiros, fontes do governo e os três principais jornais americanos estão prevendo que será muito difícil pôr em prática o princípio de redução da dívida do Terceiro Mundo, anunciado pelo secretário do Tesouro, Nicholas Brady.

Um banqueiro brasileiro que se encontrou com vários de seus credores americanos, desde sexta-feira, notou: "Estão todos muito reticentes, confusos. Só uma coisa parece absolutamente certa: se houver perdão da dívida, nunca mais ganharemos dinheiro emprestado. É assim que nós funcionamos: não perdoamos um calote".

Um funcionário do governo consultado ontem comentou: "As novas idéias não são uma solução mágica para o problema da dívida. Por enquanto, não passam de filosofia, de im-

portante mudança de direção. Pelos meus cálculos, baseados em hipóteses, o Brasil, por exemplo, poderá reduzir o principal de sua dívida em US\$ 6 à 10 bilhões, por ano, e o pagamento de juros em 1 bilhão. As possibilidades a curto prazo não parecem animadoras..."

Alguns banqueiros internacionais dizem que só negociarão qualquer redução de dívida se os governos credores derem o exemplo inicial, como avisou o presidente do Banco de Tóquio, Yusuke Kashiwagi, ontem, ao *The Wall Street Journal*. Outros banqueiros, como John Reed, presidente do Citicorp, maior credor do Brasil, advertem que "a redução somente não satisfará as necessidades de devedores e credores". O jornal *The New York Times* apela por uma ação urgente, agora que "as palavras mágicas", enfim, foram pronunciadas: redução da dívida. Para o *The Washington Post*, o Plano Brady ainda enfrentará longo e difícil caminho até a sua implementação.